

Flávia Rieth
Felipe Vander Velden

DA CRIAÇÃO AO ABATE
Etnografias dos caminhos da pecuária no
Brasil

FROM RAISING TO SLAUGHTER
Ethnographies of the paths of cattle raising
in Brazil

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, telespectadores de todo Brasil foram surpreendidos por certas inserções comerciais na programação televisiva, pouco usuais, até então. Primeiro, a propaganda de uma indústria frigorífica, que, ao advogar que “carne tem nome” (ou seja, marca, identidade), ocultava a enorme expansão e a feroz concorrência no interior de um negócio que, para a maioria dos consumidores brasileiros, resumia-se a uma cadeia simples, largamente anônima, que levava animais dos pastos e currais (vivos) aos açougues (em pedaços), onde eram adquiridos, sem maiores questionamentos de ordem macroeconômica ou sociopolítica. Segundo, uma enxurrada de vídeos celebratórios do agronegócio e de seus vários setores ou componentes – que iam do boi às abelhas, da agricultura familiar à irrigação – que acabou por colocar na boca do povo o bordão em cuja parte final ouve-se: “agro é tudo”. Não parecem restar dúvidas, assim, de que a investida do setor agropecuário nas grandes mídias aponta para a centralidade do negócio para o país: não somente para a economia, mas, sobretudo, para a identidade – ou, melhor dizendo, para o *projeto* de economia e de identidade que certas elites nacionais desenham para o Brasil.

No interior do conjunto de atividades definidas como agronegócio, está, com destaque, a pecuária, a criação sistemática e controlada de animais com a finalidade de atender aos desejos e necessidades humanas. Já tornou-se parte do senso comum exaltar a pujança e a qualidade da pecuária brasileira – e isso se dá em vários sentidos, chegando mesmo ao exagero (Leal 2016a). Não é por menos: de acordo com dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, referentes a 2017¹, o Brasil possui um rebanho bovino de 215 milhões de cabeças, que somam-se à 41 milhões de suínos e aos, impressionantes, 1,4 bilhão de galináceos. O que coloca o país como maior exportador de carne de boi e de frango do planeta (sendo o segundo maior produtor destes alimentos), e na quarta posição na produção e exportação de carne de porco. Números significativos, que expressam algo da dependência que a economia brasileira tem, hoje em dia, das atividades agropecuárias. Mas o que mais sabemos da criação de animais no Brasil para além de robustos números e da propaganda de seu sucesso?

Que a história do Brasil está fortemente ligada à história dos animais e de sua criação é um fato bastante conhecido, especialmente nas narrativas de descobrimento, ocupação e desenvolvimento de algumas regiões do país, como o sertão nordestino, o Brasil central, o pampa gaúcho e, mais recentemente, o sul da Amazônia (BATISTA, 2014; ANDRIOLLI, 2016; MOUTINHO; BRUNO, 2016; MOUTINHO, 2018). Muito do território do país foi palmilhado e conquistado “pela pata ou pé do boi” (MOUTINHO; BRUNO, 2016), pelo “ciclo do gado” (PRADO JR., 2011 [1942]), ou pela a “frente de expansão

¹ Dados disponíveis em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/agropecuaria-brasileira-em-numeros>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

pastoril” (RIBEIRO, 1996 [1970]), que deram origem à “civilização do boi e do couro” (GOULART, 1965). Mas estudos históricos recentes vêm mostrando a centralidade dos animais de criatório – bois e vacas, cabras e bodes, ovelhas e carneiros, porcos e porcas, cavalos e éguas, mulas, burros, galos e galinhas, patos, perus, coelhos, codornas e outros – na vida, nas práticas sociais e no desenvolvimento de todas as partes do país, mesmo naquelas em que, de acordo com a tradicional historiografia de cunho heróico-economicista, a pecuária ou criação animal revestiam-se de pouca importância (CAMPORA, 2017).

Há, portanto, boas histórias locais – para além das grandes narrativas da difusão dos rebanhos de animais pelo interior do país – que descorrinam as especificidades da pecuária (e da produção e mercado de carnes) em distintas regiões e em diferentes períodos históricos (BRAZIL; MAESTRI, 2009; MAESTRI; LIMA, 2010; QUEVEDO DOS SANTOS; MAESTRI; ESSELIN, 2010; CAMPOS, 2010; GONÇALVES JR., 2011; NASCIMENTO, 2011; FREIRE, 2012; MEDRADO, 2012; TEIXEIRA DA SILVA, 2013), incluindo-se, aqui, estudos sobre os, assim chamados, “aspectos folclóricos” da pecuária (CÂMARA CASCUDO, 1985; QUENTAL, 1979), bem como abordagens sociológicas ou sócio históricas da criação animal contemporânea, que trazem contribuições interessantes para um panorama do fenômeno no Brasil (BARROSO, 1956; RIVIÈRE, 1972; TAPETY, 2007; TONI et al., 2007; BARBOSA, 2006; DURÃES, 2016; WAQUIL et al., 2016). Acontece que a pecuária é muito mais do que números ou histórias: ela continua sendo parte constitutiva dos modos de existência de incontáveis comunidades país afora, desde populações tradicionais e pequenos aglomerados rurais até bairros que circundam modernas instalações frigoríficas. É aí que entra a Antropologia, ponto em que insere-se a proposta do dossiê.

Tradicionalmente, no Brasil, os estudos em Antropologia rural ou do mundo rural, assim como em suas correlatas, a Sociologia rural e a História agrária, debruçaram-se muito pouco sobre os variados animais que, via de regra, coabitavam com famílias ou grupos camponeses, vistos, geralmente, como “recursos”, fontes de subsistência. Interessados, majoritariamente, nas questões da *terra*, do *trabalho* e do *parentesco* – que operam como motores das dinâmicas sociológicas que conectam camponeses dos níveis locais ao nível global –, o foco dessas etnografias dirigiu-se, quase sempre, às atividades agrícolas, em que a criação animal aparece como uma espécie de atividade acessória ou complementar (WOORTMANN, 1990). Conforme assinalou Porcher (2011: 66), “a Sociologia rural nunca se interessou pelos animais, e muito pouco pela criação”. Pesem alguns trabalhos pioneiros, que olham para os animais no mundo rural brasileiro, particularmente para a dimensão simbólica (HOEFLE, 1990; BRANDÃO, 1990, 1999; PIMENTAL, 1997), apenas recentemente as etnografias têm incorporado os animais de criação, e a criação de animais, como objetos de pesquisa. Mais ainda, como participantes ativos na constituição de comunidades de pastores e de criadores, como sujeitos ou atores engajados, em conjunto com seres humanos, na produção

material-semiótica das práticas cotidianas e das reflexões cosmológicas.

Tais pesquisas etnográficas contemporâneas têm se debruçado sobre uma variedade de temas, que vão das formas tradicionais da pecuária ou criação animal – com especial ênfase no extremo sul do país, no Rio Grande do Sul (LIMA, 2015a, 2015b; RIETH, LIMA; KOSBY, 2016; PEREIRA; RIETH; KOSBY, 2016; KOSBY; LIMA; RIETH, 2017; BORNHOLDT, 2016) – e dos entraves à implantação de rebanhos em aldeias indígenas (VANDER VELDEN, 2011a, 2011b, 2016), passando pelas contradições inerentes aos sistemas de integração entre pequenos criadores e grandes conglomerados industriais (SIQUEIRA, 2016), chegando até a análise de modernas fazendas imersas em tecnologias de ponta e em debates contemporâneos, como certificações e questões ambientais (FROEHLICH, 2015, 2016, 2017), além de nexos sólidos com projetos de elite e com o grande capital nacional e internacional (LEAL, 2016a, 2016b). Focalizam desde práticas familiares ou comunitárias de abate e aproveitamento de produtos de origem animal (DANTAS, 2008, 2016; FROEHLICH, 2011, 2012; GUIMARÃES, 2016) até imensas instalações frigoríficas, que posicionam o Brasil nas cabeças da produção global de carnes (DIAS, 2009), incluindo as discussões em torno das controvérsias relativas ao bem estar e ao abate animal (e os direitos destes) na modernização das práticas produtivas (SORDI, 2016; MICHELINI, 2016; PERROTA, 2015, 2016). Descortinam um panorama de pecuárias regionais – Pantanal, agreste e sertão nordestinos, pampa gaúcho –, com modos variados de relação com os animais e outros não humanos circunvizinhos – o curral, a vegetação, os objetos, o clima – que demonstram uma rica diversidade de práticas locais, na contramão das grandes narrativas da pecuária racional e modernizante (BANDUCCI JR., 2007; ANDRIOLLI, 2011; VASQUES, 2016; PEREIRA, 2016; SÜSSEKIND, 2016; SOUZA, 2016). Vão além, ademais, dos grandes mamíferos e aves costumeiramente associados ao curral e ao matadouro, para abordar tanto animais pouco usuais, como búfalos (STOECKLI, 2015, 2017a, 2017b), quanto aqueles auxiliares da criação – como os cachorros (CUMMINS, 2009; BARRETO, 2015; TEIXEIRA; AYUBE, 2016). E mesmo aqueles selvagens, silvestres, predadores, pragas e pestes, que incidem negativamente sobre os espaços ocupados pelos rebanhos, com os quais moradores, criadores e técnicos precisam lidar, rotineiramente (SÜSSEKIND, 2011, 2014; PEREIRA, 2015; SORDI, 2017; SORDI; LEWGOY, 2017). O que demonstra a necessidade da expansão das análises focadas na criação animal para todo o entorno de práticas que, de certo modo, também, a constituem (RIETH; LIMA; BARRETO, 2017).

Ainda assim, com essa produção crescente, em quantidade e em qualidade, sabemos muito pouco, etnograficamente, dos caminhos da pecuária no Brasil. De bairros e distritos rurais, grandes fazendas, sítios e estâncias, agroindústrias, fundos de pasto, quilombos, comunidades extrativistas, pecuaristas familiares, e outras parcelas da população, que vivem fora dos principais núcleos urbanos, país afora, no Brasil profundo. Este dossiê busca, em parte, responder, essa lacuna. Inspirados na sugestão de Heonik

Kwon (1998) a respeito da caça – de que ela não resume-se à procura e ao abate de animais de presa, mas, tem início muito antes, no planejamento das atividades, e termina muito depois da morte do animal, no seu efetivo preparo, consumo e destinação dos despojos não aproveitados – apostamos que a pecuária não resume-se à criação de animais, mas, sobretudo, começa na reflexão sobre sua implantação e sobre as ações empreendidas, indo terminar, também, no abate e no consumo de produtos de origem animal. Os caminhos da pecuária, para além de remeterem a uma história da criação animal no Brasil – feita, convencionalmente, no rastro dos animais de rebanho, que, com suas patas, desenham a geografia do Brasil, do pampa ao sertão nordestino, da ilha de Marajó aos cerrados do Brasil central, de Rondônia ao lavrado roraimense –, fazem, justamente, referência às trajetórias que animais seguem, dos projetos de introdução da criação animal – seja gestados por zootecnistas, seja por criadores familiares ou mesmo indígenas – à morte, fragmentação e consumo dos animais – seja em contextos informais, seja nos imensos complexos agroindustriais (matadouros e frigoríficos), que espalham-se de norte a sul do país.

Abrimos este dossiê com o artigo de **Ondina Fachel Leal**, *Os gaúchos: cultura e identidade masculina no pampa*, que nos reporta ao trabalho de campo sobre identidade e cultura gaúcha, realizado há, aproximadamente, 35 anos, durante o doutoramento da autora, na University of California. O material escolhe o trabalhador campeiro, o *gaúcho*, como interlocutor e reconhece o fluxo transfronteiriço na região enquanto dinâmica que não pode ser perdida de vista, características que dão andamento à linhagem de estudos que têm o Sul com campo etnografável. Os dados, que encontravam-se, em grande parte, inéditos em português, demonstram o trabalho de campo rigoroso, com períodos extensos de permanência no sítio da pesquisa. No artigo, tanto os animais como os humanos percorrem os caminhos da criação ao abate, uma vez que “a vida da estância tem uma intimidade com a morte”. Nesse contexto, a pampa se apresenta como um território de existência dos campeiros, onde a masculinidade – elemento importante da formação moral dos peões – é posta à prova. Os relatos etnográficos nos possibilitam pensar a pecuária em um regime de tempo múltiplo, atentando para as continuidades e para os processos de modernização no campo, especialmente, para o manejo dos animais. Percebe-se, nas diferentes temporalidades acessadas, a invenção da Antropologia, por meio de comparações e perspectivas presentes nos textos que integram o Dossiê. Do mesmo modo, refletem o próprio andamento da produção acadêmica no tempo, seus desdobramentos políticos e históricos.

A etnografia *Aqui na lida é eu, a esposa e os cachorros*, de **Flávia Rieth**, **Daniel Vaz Lima**, **Vagner Barreto Rodrigues** e **Mirieli Bilhalva**, encontra-se vinculada ao processo de patrimonialização do modo de vida campeiro no pampa sul-rio-grandense como Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro (INRC Lida Campeira). O artigo reflete sobre o trabalho de caráter familiar nos modos de fazer da pecuária extensiva, na região do Alto Cama-

quã, Serra do Sudeste, nos *campos dobrados* ou *campos de pedra*. A destacada presença de populações tradicionais, como pecuaristas familiares, quilombolas e grupos indígenas, apresenta-se por meio da diversidade social e da diversidade de paisagens no pampa, que configuram formas criativas de aprendizado para humanos e outros animais. Ao destacar a presença histórica de populações tradicionais, o texto busca complexificar as narrativas de vazio populacional e de região empobrecida, a partir da *lida campeira* e de seus detentores. Presenças vidas, que, na atualidade, questionam os projetos de mineração que investem sobre essa região do Estado, projetos que podem caracterizar a ruína desse modo de vida e da cadeia produtiva pecuária.

O texto de **Eric Barreto**, *A gente sempre acredita nos nossos cachorros*, que integra, também, o INRC Lida Campeira, versa sobre a relação entre humanos e cães no ambiente pastoril, em propriedades de pecuaristas familiares, tomando-os como companheiros de existência. O artigo chama a atenção para a presença de outros animais não humanos – que não aqueles de criatório – no contexto da pecuária, fato, geralmente, pouco destacado, ignorando a importância que ocupam na lida com o gado. Nesses locais, no sul do Rio Grande do Sul, o cachorro figura como peão, trabalhador do campo, dotado de características humanas, de particularidades. Exige-se dos cachorros, refletindo relações mais amplas, lealdade, empenho, persistência e responsabilidade no manejo dos rebanhos. Entretanto, quando algum passa a predar os animais domesticados, contrariando as ordens dos donos, apresenta comportamento tratado como falha moral. A traição é concebida como decorrente da má índole do animal e reparável com a morte.

A partir do aporte de epistemologias feministas, inspirada nos trabalhos de autoras como Donna Haraway, Isabelle Stengers e Vinciane Despret, **Marília Floôr Kosby**, no artigo *Mulheres, vacas e partos nas pecuárias do Extremo Sul do Brasil: relações transespecíficas a partir do encontro entre Antropologia e epistemologias feministas*, lança luz para a contribuição do saber das mulheres na criação dos rebanhos. Acompanha em campo, o parto de vacas em propriedades familiares no sul do estado do Rio Grande do Sul, etnografando atitudes epistemológicas das criadoras com as vacas, em que a “questão da reprodução reúne uma série de realizações e desafios descobertos na vida vivida junto”. Assim, a etnografia reporta-se às relações cotidianas de trabalho com animais, com os quais humanos compartilham a vida, cuidam, fornecem os alimentos, mas que, também, são comida, em ciclos de vida e de morte com os animais.

Do extremo sul, reportamo-nos para o semiárido nordestino, a partir do texto *Laboro e pecuária caprina no sertão de Pernambuco*, de **Ariane Vasques**, sobre o modo de criação de caprinos *na solta*, tradição familiar transmitida por gerações, assimilada pela convivência diária entre o criador, cabras e bodes no sertão pernambucano. Conforme a autora, a *criação na solta* é entendida pelos criadores como *laboro*. O *laboro* remete ao conhecimento partilhado por humanos e caprinos sobre a vida no mato e aos hábi-

tos e comportamentos dos animais. Esse conhecimento, acerca da criação, nos remete à co-produção da existência entre humanos, animais e caatinga. A noção de *laboro* não pode ser confundida com a de trabalho, justamente, por abarcar a noção de entretenimento, de diversão e relaxamento, que produz entre criadores e animais relações de natureza muito distintas daquelas estabelecidas na pecuária de confinamento. Em termos contrastivos, o modo de *criação na solta* não encontra enquadramento no modo de produção extensiva, que estabelece a relação de animais e humanos como produção de mercadoria.

Se os textos até aqui exploram uma diversidade de formas regionais de criação animal, o artigo de **Clarissa Martins Lima e Felipe Vander Velden**, *Tudo nessa vida tem dono: os animais e o problema do abate entre os Xukuru – ou a (má) sorte de Seu Guaxinim*, aborda um tema ainda muito pouco estudado: a criação animal em terras e aldeias indígenas no Brasil, ou o que poder-se-ia denominar de *pecuárias indígenas*. Se é consenso que não havia domesticação animal nas terras baixas da América do Sul, em seu sentido estrito – fundado, acima de tudo, no *controle* reprodutivo dos animais –, e criação sistemática e contínua com fins produtivos antes do início da expansão colonial dos europeus, a partir de 1500 (DESCOLA, 2002), é certo que vários povos nativos adotaram essa forma de relação com certos seres após tomarem contato com eles e assimilarem técnicas e procedimentos relacionais específicos. Sabemos, por exemplo, que haviam enormes rebanhos bovinos nas missões jesuíticas entre os Guarani, no sul do Brasil (SARREAL, 2013) e em outras porções do continente; sabemos, também, que algumas sociedades ameríndias trabalham há tempos com rebanhos – como é o caso dos Macuxi, em Roraima (VIEIRA, 2007), e dos Kadiwéu, em Mato Grosso do Sul (MITCHEL, 2015: 231-251). Outras definem-se como *vaqueiros*, dedicando grande atenção prática e simbólica ao trato com animais (MACÊDO, 2006). Tal é o caso dos índios Xukuru, do Ororubá, no agreste pernambucano – que, segundo Ellis (2010: 34) são “fascinados pela hierarquia do cavalo e da vaca, que valorizam mais do que a agricultura” –, que têm suas relações com a criação animal analisadas aqui.

A busca pela carcaça perfeita: da criação animal à produção zootécnica, de **Ana Paula Perrota**, discute a *modernização* da pecuária, a partir da História Econômica e da Zootecnia. Neste sentido, destaca o desenvolvimento técnico-científico que conforma e altera um modo de produção moderno, decorrente da profissionalização da cadeia da indústria da carne. A autora acompanha os estudos antropológicos sobre as relações entre humanos e animais, com foco no emaranhado de relações entre humanos e bovinos, que reportam-se à diversas áreas da vida social. Ressalta a modernização do campo não, somente, como um processo de evolução linear, um fruto da “sofisticação” do capitalismo, e nos remete a um campo de disputas, que tensiona (desqualifica) os saberes tradicionais. Tais processos, que consideram as mudanças na relação entre humanos e animais – transformados em matéria prima –, voltam-se à criação e à produtividade do trabalho enquanto

mercadoria de qualidade, da máquina ao animal.

Dois artigos neste volume analisam o abate, última etapa dos caminhos da criação, por assim dizer, aquela que converte o animal vivo em produtos variados (BRANDÃO 1990), antes de seu comércio e consumo final.

Em *Na linha de desmontagem: relação entre humanos e bovinos em um frigorífico*, **Patricia Pazini** e **Juliana Abonizio** apresentam as etapas do abate do gado de corte, de transformação de ser vivo em produtos alimentares e outras matérias-primas. As autoras descrevem, por intermédio da materialidade do espaço do matadouro – os currais, as rampas, os corredores, o box de insensibilização e a sala do abate –, a percepção dos animais ao longo do processo. Trazem a agitação dos bovinos, os olhares, as tentativas de recuo ou as de se lançar sobre os muros e grades, o cheiro das fezes e vômitos, os barulhos agudos dos instrumentos de corte. Na linha da desmontagem, pós-insensibilização, tem-se a sangria, esfola, evisceração, corte da carcaça e refrigeração em que os animais são descaracterizados de forma a afastar e ocultar o processo produtivo. Nesse sentido, o caminho da criação ao abate evidencia a posição desprovida de individualidade dos animais de corte, em uma relação de servidão para com os humanos.

Já **Miriam Stefanuto**, em *São eles que fazem isso comigo! O frigorífico Santa Margarida e as relações entre humanos e animais*, busca analisar a relação entre os trabalhadores na linha de produção e os animais de corte, em um frigorífico, no interior de São Paulo. Para a autora, a maneira como os trabalhadores percebem o trabalho – que apresenta uma enorme rotatividade, destacada em estudos sobre a indústria da carne – e a si mesmos está relacionada com a dinâmica de funcionamento do frigorífico, bem como ao papel que desempenham no processo industrial de abate e produção de carne. Por meio da desmontagem, operada na linha de produção, o animal é convertido em “carne” e “as dificuldades da execução do trabalho diminuem”, assim como as relações com os animais enquanto criaturas vivas e sencientes. O artigo destaca, ainda, que, na perspectiva dos trabalhadores, os animais são os responsáveis pela precariedade da atividade, o que tanto atribui certa agentividade aos seres não humanos no abatedouro como contrasta com outras pesquisas, que sugerem a identificação entre trabalhadores e animais no processo industrial de produção de carne e outros produtos de origem animal.

Fecha este dossiê o ensaio fotográfico de **Pedro Stoeckli Pires**, em que o autor explora a pecuária bubalina no extremo norte do país (Amapá), região onde a criação animal é menos conhecida etnograficamente, talvez, porque seja, tradicionalmente, associada com outras atividades produtivas, como o extrativismo, a caça, a pesca e a agricultura em pequena escala, que, geralmente, caracterizam as economias amazônicas. Em sua tese de doutorado (STOECKLI, 2015), o autor chamava a atenção para certas especificidades – sobretudo técnicas – relacionadas não apenas ao trato com búfalos, mas, também, em função das características ambientais singulares da Amazônia, que colocam desafios diversos para os rebanhos.

Trazemos, ainda, uma singela homenagem *in memoriam* ao escritor, jornalista, tradutor, desenhista e professor universitário Aldyr Garcia Schlee, *Aldyr Garcia Schlee: o pampa e suas personagens*, organizada por **Juliana dos Santos Nunes**. Desde o princípio, Schlee foi entusiasta e interlocutor das pesquisas realizadas no Departamento de Antropologia da UFPel, como os Inventários Nacionais de Referências Culturais. Organizou e participou de saraus, mostras de cinema, debates, mesas redondas, em que lançava luz para o Sul, para o patrimônio intangível, para as regiões fronteiriças, liminares, como Jaguarão, cidade do autor, na fronteira com o Uruguai, palco para muitas de suas personagens. Pouco antes de partir, em 2018, recebeu a equipe do INRC Lida Campeira, no seu apartamento, em Pelotas, como consultor da pesquisa. No encontro, anunciou os últimos preparativos para o lançamento do *Dicionário da cultura pampeana sul rio-grandense* (SCHLEE, 2019), no qual agradece ao corpo docente do Bacharelado em Antropologia pelas contribuições. Retribuímos, assim, gentilmente, os agradecimentos, celebrando a obra do autor, e amigo, como parte de seu legado sobre o pampa.

Na seção Entrevista deste número da Tessituras, incluímos o texto *Cambios y transformaciones contemporáneas, puntos de vista y otras maneras de comer - una entrevista con Joan Ribas*, de **Anelise Rizzolo de Oliveira**. Joan Ribas é professor de Antropologia da Universidade de Barcelona e co-diretor do Observatório da Alimentação (ODELA). A autora busca apresentar a trajetória e a perspectiva de Ribas no campo da Antropologia da alimentação, pautando questões contemporâneas a respeito do tema, como globalização e soberania alimentar, movimentos migratórios e comportamento alimentar, mudanças e continuidades no comportamento alimentar, patrimônio, em que a alimentação é o fio condutor. A entrevista reforça nossa sugestão de que a pecuária, como já dito, deve ser entendida enquanto fenômeno que conecta desde a “produção” até o “consumo” dos corpos dos animais, passando por uma miríade de formas de relação.

Assim, esperamos apresentar um conjunto de etnografias, com foco nas relações entre humanos e outros animais em contextos de pecuária no Brasil, levando em consideração a presença ativa e agentiva desses seres nas atividades da criação animal e no mundo em geral. O dossiê busca, com isso, mostrar algo da variedade de articulações das práticas de trabalho com animais e de convivência com eles em espaços produtivos, refletindo as especificidades dos rebanhos, os saberes tradicionais e as relações predatórias, mesclado com a racionalização do próprio trabalho, as relações micro e macroeconômicas e os avanços técnicos e tecnológicos desenvolvidas nos campos experimental e científico, sem descuidar das muitas formas pelas quais os animais são representados e simbolicamente apropriados por comunidades de pecuaristas e criadores por todo o país.

Outra dimensão contemplada por esta coletânea de artigos é a de debater a pluralidade metodológica e teórica de que antropólogos e antropó-

logas têm lançado mão para pensar formas de criação, de manejo e de abate (e de reflexão acerca de tais atividades) com rebanhos de ovinos, bovinos, caprinos, equinos, suínos, aves, entre outros, visto que, em um curto espaço de tempo, a dinâmica de campo da Antropologia das relações entre humanos e animais (Zooantropologia ou Antrozoologia) ampliou-se para diferentes contextos etnográficos, um dos percursos voltando-se, como pode-se conferir neste volume, para a pecuária. Tal trajetória nos possibilita discutir domesticação de animais humanos e não humanos, predação, alimentação, emoções, tecnologia, estética, ciência, mercado, parentesco, identidades e muitos outros temas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIOLLI, Carmen. **Sob as vestes de Sertão Veredas, o Gerais**: “Mexer com criação” no Sertão do IBAMA. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas, 2011.

ANDRIOLLI, Carmen. Criação. **Teoria & Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 136-143, 2016.

BANDUCCI JR., Álvaro. **A natureza do pantaneiro**: relações sociais e representação de mundo no “Pantanal da Nhecolândia”. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007.

BARBOSA, Eriosvaldo. **Valeu boi**: o negócio da vaquejada. Teresina: Editora da UFPI, 2006.

BARRETO, Eric. **‘Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro’**: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris no pampa brasileiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

BARROSO, Gustavo. **Terra de sol**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

BATISTA, Joselia. **A evolução da pecuária bovina em Rondônia e sua influência sobre a configuração territorial e a paisagem (1970-2012)**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

BORNHOLDT, Luciano. **Bigger than life**: cultural identity and labor relations among gaucho cowboys in Southern Brazil. Arlington: Amakella Publishing, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Bichos, brancos e negros em Pirenópolis. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 33, p. 75-108, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BRAZIL, Maria do Carmo; MAESTRI, Mário (Orgs.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros**: estudos sobre a economia pastoril no Brasil. Tomo I. Passo Fundo: Editora UPF, 2009.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Recife: Editora ASA Pernambuco, 1985.

CAMPORA, Ana Lúcia. **Animais e sociedade no Brasil dos séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: ABRAMVET, 2017.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. **Nos caminhos da acumulação**: negócios e poder no abastecimento de carnes verdes para a cidade do Rio de

Janeiro (1808-1835). São Paulo: Alameda, 2010.

CUMMINS, Bryan. **Bear country: predation, politics, and the changing face of Pyrenean pastoralism**. Durham: Carolina Academic Press, 2009.

DANTAS, Maria Isabel. **O sabor do sangue**: uma análise sociocultural do chouriço sertanejo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

DANTAS, Maria Isabel. É preciso matar o porco: de humano a animal despersonalizado. In: BEVILAQUA, Címéa; VANDER VELDEN, Felipe (Orgs.). **Parentes, vítimas, sujeitos**: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. São Carlos/Curitiba: EdUFSCar/Editora da UFPR, p. 165-187, 2016.

DESCOLA, Philippe. Genealogia dos objetos e antropologia da objetivação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 93-112, 2002.

DIAS, Juliana Vergueiro Gomes. **O rigor da morte**: a construção simbólica do animal de açougue na produção industrial brasileira. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social, Universidade de Campinas, Campinas, 2009.

DURÃES, Francisco. **A “pata do boi” e os impactos ambientais na região do Araguaia paraense**. Jundiá: Paco, 2016.

ELLIS, Olivia. **Organizing indigeneity among the Xukuru do Ororubá of Brazil**. Dissertação (Master of Arts) - University of Texas, Austin, 2010.

FREIRE, Luiz Cleber. **Nem tanto ao mar, nem tanto à terra**: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-1888. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

FROEHLICH, Graciela. “Carne(ar) no passado e no presente: hábitos e práticas alimentares entre descendentes de imigrantes alemães”. **Campos**, Curitiba, v. 12, n. 2, p. 69-82, 2011.

FROEHLICH, Graciela. **Do porco não sobra nem o grito**: classificações e práticas, saberes e sabores no abate doméstico de porcos. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

FROEHLICH, Graciela. Trabalhar os animais, trabalhar com os animais: reflexões etnográficas sobre bem-estar animal em fazendas de criação de gado de corte. **R@u** - Revista de Antropologia da UFSCar, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 108-125, 2015.

FROEHLICH, Graciela. **O bem-estar na carne**: um estudo antropológico sobre as relações entre humanos e animais a partir da categoria de bem-estar animal. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FROEHLICH, Graciela. As lidas e o bem-estar: relações entre os humanos e os animais em fazendas de criação de gado de corte. In: SAUTCHUK, Carlos (Org.). **Técnica e transformação**: perspectivas antropológicas. Brasília: ABA Publicações, p. 403-424, 2017.

GONÇALVES JR., Oswaldo. Entre bois e cabras: uma visão histórica sobre mentalidades e valores nos sertões. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 47, p. 49-68, 2011.

GOULART, José Alípio. **O Brasil do boi e do couro**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965.

GUIMARÃES, Roberta. Espaço de gênero na “matação” dos animais da Folia de Reis, Silvianópolis (MG). **Teoria & Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 119-123, 2016.

HOEFLE, Scott. “O sertanejo e os bichos: cognição ambiental na zona semi-árida nordestina”. **Revista de Antropologia**, São Paulo, n. 33, p. 47-74, 1990.

KOSBY, Marília; LIMA, Daniel Vaz; RIETH, Flávia. Centauros de motocicleta: o cavalo como testemunha do 'processo domesticatório' do gaúcho. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 48, p. 197-223, 2017.

KWON, Heonik. The saddle and the sledge: hunting as comparative narrative in Siberia and beyond. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, Londres, v. 4, n. 1, p. 115-127, 1998.

LEAL, Natacha. **Nome aos bois**: zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2016a.

LEAL, Natacha. O début do touro Ranchi: uma celebração da pecuária de gado de elite. In: BEVILAQUA, Ciméa; VANDER VELDEN, Felipe (Orgs.). **Parentes, vítimas, sujeitos**: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. São Carlos/Curitiba: EdUFSCar/Editora da UFPR, p. 77-102, 2016b.

LIMA, Daniel Vaz. **"Cada doma é um livro"**: a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. 2015, 146f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015a.

LIMA, Daniel Vaz. **"O cavalo é quem te dá as dicas"**: uma etnografia da relação entre domadores e cavalos no pampa brasileiro. **R@U - Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 193-210, 2015b.

MACÊDO, Silvia Lopes. **Encantamento do Boi e Reis Encantados**: xamanismo e identidade étnica entre os Índios Kiriri do sertão baiano. Monografia (Ciências Sociais) -Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MAESTRI, Mário, LIMA, Solimar (Orgs.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros**: estudos sobre a economia pastoril no Brasil. Tomo II. Passo Fundo: Editora UPF, 2010.

MEDRADO, Joana. **Terra de vaqueiros**: relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1900. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

MICHELINI, Janaina. **A pecuária bovina de corte no Brasil**: significados, contradições e desafios em busca da sustentabilidade. Tese (Doutorado em Ciência do Sistema Terrestre) - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São José dos Campos, 2016.

MITCHELL, Peter. **Horse nations**: the worldwide impact of the horse on Indigenous societies post-1492. Oxford: Oxford University Press, 2015.

MOUTINHO, Flavio. **Na trilha do boi**: ocupação do território brasileiro pela pecuária. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

MOUTINHO, Flavio; BRUNO, Sávio. **Se não fosse o pé do boi**: uma breve história da floresta, do machado, da pecuária extensiva e da desertificação no Brasil. Niterói: Editora UFF, 2016.

NASCIMENTO, Luiz Miguel do. **De sal e de sol**: introdução ao estudo das charqueadas do antigo estado de Mato Grosso. Jundiá: Paco, 2011.

PEREIRA, Luzimar Paulo. O movimento dos bichos: notas etnográficas sobre animais, seres humanos e espaços em Urucuaia, MG. **Ruris**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 63-84, 2015.

PEREIRA, Fabíola; RIETH, Flávia; KOSBY, Marília. Inventário Nacional de Referências Culturais - Pecuária, Bagé/RS. In: BEVILAQUA, Ciméa; VANDER VELDEN, Felipe (Orgs.). **Parentes, vítimas, sujeitos**: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. São Carlos/Curitiba: EdUFSCar/Editora da UFPR, p. 189-204, 2016.

PEREIRA, Renan Martins. Dominação e confiança: vaqueiros e animais nas pegas de boi do sertão de Pernambuco. **Teoria & Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 63-80, 2016.

PERROTA, Ana Paula. **Humanidade estendida**: a construção dos animais como sujeitos de direitos. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PERROTA, Ana Paula. Abate bovino e rede industrial: um estudo sobre a introdução e gestão racional e econômica das emoções dos animais. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 15, n. 33, p. 68-96, 2016.

PIMENTEL, Sidney. **O chão é o limite**: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

PORCHER, Jocelyne. **Vivre avec les animaux**: une utopie pour le XXI^e siècle. Paris: La Découverte, 2011.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1942].

QUENTAL, Daisy. **Pecuária folclórica**: o boi. São Paulo: Escola do Folclore/Editorial Livramento, 1979.

QUEVEDO DOS SANTOS, Júlio; MAESTRI, Mário; ESSELIN, Paulo (Orgs.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros**: estudos sobre a economia pastoril no Brasil. Tomo III. Passo Fundo: Editora UPF, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1970].

RIETH, Flávia; LIMA, Daniel & BARRETO, Eric. *'Lida bravíssima'*: a cultura da caça como constituidora da relação entre humanos e animais na pecuária extensiva no pampa brasileiro. **Teoria & Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 81-91, 2017.

RIETH, Flávia; LIMA, Daniel; KOSBY, Marília. The way of life of the Brazilian pampas: an ethnography of the Campeiros and their animals. **Vibrant**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 110-127, 2016.

RIVIÈRE, Peter. **The forgotten frontier**: ranchers of North Brazil. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

SARREAL, Julia. Revisiting cultivated agriculture, animal husbandry, and daily life in the Guaraní Missions. **Ethnohistory**, Durham, v. 60, n. 1, p. 101-124, 2013.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Dicionário da cultura pampeana sul-rio-grandense**. Fructos do Paiz, 2019.

SIQUEIRA, Débora Vallilo. **"A gente sabe o Sistema como é criado"**: a carne de porco entre a casa e a agroindústria na região de Chapecó-SC. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

SORDI, Caetano. Pelo boi e sua carcaça: breves apontamentos sobre a disseminação do manejo racional e do bem-estar animal na pecuária bovina brasileira. In: BEVILAQUA, Ciméa; VANDER VELDEN, Felipe (Orgs.). **Parentes, vítimas, sujeitos**: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. São Carlos/Curitiba: EdUFSCar/Editora da UFPR, p. 121-142, 2016.

SORDI, Caetano. Criar ovelhas, caçar javalis: negociações técnicas e engajamentos ambientais no manejo de suídeos asselvajados no extremo sul do Brasil. In: SAUTCHUK, Carlos (Org.). **Técnica e transformação**: perspectivas antropológicas. Brasília: ABA Publicações, p. 451-471, 2017.

SORDI, Caetano; LEWGOY, Bernardo. Javalis no pampa: invasões biológicas, abigeato e transformações da paisagem na fronteira brasileiro-uruguaia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 48, p. 75-98, 2017.

SOUZA, José Wellington de. Porcos, humanos e lobisomens no imaginário rural: o uso estrutural do animal como símbolo que define a humanidade. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 190-213, 2016.

STOECKLI, Pedro. **Laços brutos**: vaqueiros e búfalos no baixo Araguari. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

STOECKLI, Pedro. A brutidade entre vaqueiros e búfalos no Baixo Araguari – Amapá. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 48, p. 171-196, 2017a.

STOECKLI, Pedro. Acerca do búfalo: delimitação e movimento no Baixo rio Araguari (Amapá). In: SAUTCHUK, Carlos (Org.). **Técnica e transformação**: perspectivas antropológicas. Brasília: ABA Publicações, pp. 427-448. 2017b.

SÜSSEKIND, Felipe. A onça pintada e o gado branco. **Anuário Antropológico**, Brasília, 2011 II, p. 111-134, 2012.

SÜSSEKIND, Felipe. **O rastro da onça**. Relações entre humanos e animais no Pantanal. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2014.

SÜSSEKIND, Felipe. Notes on the bagual: cattle raising, hunting and conservation in the Brazilian Pantanal. **Vibrant**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 128-142, 2016.

TAPETY, Audrey. **O vaqueiro no Piauí**: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000). Imperatriz: Ética, 2007.

TEIXEIRA, Jorge Luan; AYUBE, Dibe. Cachorros que atacam criação: reflexões éticas sobre a mobilidade e a vida social dos animais em ambientes rurais. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 136-165, 2016.

TEIXEIRA DA SILVA, Fabrício. **Nas tramas da “escassez”**: o comércio e a política de abastecimento de carnes verdes em Belém, 1897-1909. São Paulo: Alameda, 2013.

TONI, Fabiano; CARVALHO DOS SANTOS, Jair; SANT’ANA DE MENEZES, Ronei; HOOD, Charles; SANT’ANA, Henrique. **Expansão e trajetórias da pecuária na Amazônia**: Acre, Brasil. Brasília: Ed. da UnB, 2007.

VANDER VELDEN, Felipe. Rebanhos em aldeias: investigando a introdução de animais domesticados e formas de criação animal em povos indígenas na Amazônia (Rondônia). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 129-158, 2011a.

VANDER VELDEN, Felipe. Inveja do gado: o fazendeiro como figura de poder e desejo entre os Karitiana. **Anuário Antropológico**, Brasília, 2010 I, p. 55-76, 2011b.

VANDER VELDEN, Felipe. Dessas galinhas brancas, de granja - ciência, técnica e conhecimento local nos equívocos da criação de animais entre os Karitiana (RO). **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, p. 11-34, 2016.

VASQUES, Ariane. **As veredas do bode**: criação na solta e laboro no sertão de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Carlos, São Carlos, 2016.

VIEIRA, Jaci. **Missionários, fazendeiros e índios em Roraima**: a disputa pela terra. Editora da UFRR, Boa Vista, 2007.

WAQUIL, Paulo; MATTE, Alessandra; NESKE, Márcio; BORBA, Marcos (Orgs.). **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

WOORTMANN, Klaas. Com parente não se neguceia: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, Brasília, 87: 11-73, 1990.

AUTORES**Flávia Rieth**

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

E-mail: riethuf@uol.com.br

Felipe Vander Velden

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

E-mail: felipevelden@yahoo.com.br